

CONTRA-REVOLUÇÃO STALINISTA EM BARCELONA

René Berthier

Os acontecimentos de maio de 1937, em Barcelona, são exemplares por vários motivos. Reduzem-se a uma idéia principal: como o stalinismo utilizou o antifascismo para liquidar a revolução social.

Para realizar esse objetivo, era indispensável liquidar o movimento anarco-sindicalista. Todavia, naquele momento, esse movimento, que havia impulsionado um vasto movimento de coletivizações na indústria, nos transportes, na agricultura, era demasiado poderoso, demasiado popular para ser atacado de frente. Era preciso começar por isolá-lo, atacando o P.O.U.M., pequeno partido marxista, mas que se encontrava em posições revolucionárias, no qual militavam alguns trotskistas¹.

A ocasião era muito oportuna. Na Alemanha, Stalin fizera o leito do nãzismo ao sacrificar o Partido Comunista alemão para liquidar a social-democracia. Todo movimento reclamando-se da classe operária não controlado por Moscou devia ser liquidado. Stalin conduzia uma campanha contra os "hitleristas-trotskyistas"; o P.O.U.M. ficou, então, na mira dos comunistas espanhóis, que exigiam, de modo lancinante, sua dissolução. Manipularam para eliminar Andrès Nin da *Generalitat*, o governo da Catalunha, em 13 de dezembro de 1936, senão com a

cumplicidade, ao menos com a concordância da direção da C.N.T., que pareceu não se dar conta de que isso, acrescido a inúmeras outras manobras, contribuía para isolar cada vez mais a Confederação, e torná-la mais vulnerável em relação ao stalinismo.

Os stalinistas já tinham conseguido eliminar os militantes do P.O.U.M. de toda responsabilidade na U.G.T.: ora, esta era, antes de passar às mãos dos stalinistas, um aliado natural da C.N.T., sob a condição de que houvesse em seu interior elementos suficientemente radicais para favorecer essa aliança. Assim, quando a C.N.T. conseguiu que os dois partidos marxistas se retirassem da *Generalitat*, deixando o lugar só à U.G.T., é, de fato, ao Partido Comunista que ela devia confrontar-se. A U.G.T., que os comunistas controlavam, tornara-se, literalmente, a organização da pequena burguesia e do patronato². Os acontecimentos de maio de 37 são, pois, exemplos da incompreensão da direção confederal em apreender as relações de força, em compreender a natureza real do stalinismo e seu papel contra-revolucionário, enquanto a massa dos trabalhadores apoiava a C.N.T.

Comunismo espanhol?

Os comunistas espanhóis representavam pouca coisa antes da guerra civil, e só puderam desenvolver-se atraindo para eles os camponeses abastados opostos à coletivização, a pequena burguesia, muitos funcionários da polícia, militares. A espinha dorsal do movimento comunista espanhol, sustentado por Moscou, oferecia sua experiência organizacional a camadas sociais cujos interesses coincidiam, naquele momento, com os interesses da política internacional de Stalin. Este não podia aceitar a idéia de uma revolução proletária desenvolvendo-se fora de seu controle e em bases radicalmente diferentes da revolução russa. Participando do governo, e praticando a limpeza das instâncias

de poder, os comunistas adquiriram um poder desproporcional à sua base social. Os comunistas, apoiados pela pequena burguesia nacionalista catalã, exprimiam-se abertamente contra as coletivizações, o que é um paradoxo curioso, pois sabemos que na Rússia eles impuseram a coletivização forçada da agricultura com violência inaudita, levando à morte milhões de pessoas...

Em outubro de 1936, um comunista é nomeado ministro do abastecimento, cargo exercido anteriormente por um anarquista. Os comitês operários de abastecimento, criados pelos anarquistas, e que funcionavam eficazmente, foram dissolvidos. A distribuição dos alimentos, assegurada pelo sistema de venda direta dos produtos e organizada pelos comitês dos sindicatos, é reentregue ao comércio privado. Os preços aumentam, provocando a penúria. O descontentamento da população aumenta, mas os comunistas acusam os anarquistas.

As forças policiais — guarda civil e guardas de assalto — tinham sido dissolvidas e substituídas por *patrulhas de controle*. Mas a polícia será rapidamente reconstituída, controlada pelos stalinistas. O mesmo processo ocorrera, em 10 de outubro de 1936, com a militarização das milícias, da qual os comunistas eram ardentes partidários. *La Batalla*, de 1º de maio de 1937, descreve a composição social e o modo de recrutamento da polícia controlada pelos comunistas:

eles concentraram na Catalunha uma parte do formidável exército de carabineiros, que fora criado com objetivos contrarrevolucionários, recrutando-o entre os elementos do Partido Comunista desprovidos de educação política, entre os operários que não pertenciam a nenhuma ideologia, e, inclusive, entre os pequeno-burgueses desclassificados que perderam toda confiança no restabelecimento de sua posição.

É lançada uma ofensiva contra a liberdade de expressão. A

censura torna-se cada vez mais importante, inclusive a censura política. Um *meeting* C.N.T.-P.O.U.M. é proibido em 26 de fevereiro de 1937, em Tarragona.

Em 26 de março de 1937, os libertários opõem-se a um decreto que dissolve as patrulhas de controle; proíbe o porte de armas para os civis; a afiliação política ou sindical dos guardas e dos oficiais de polícia; dissolve os conselhos de operários e de soldados, o que equivalia à liquidação do poder real da Confederação, elemento motor das milícias, senhora da rua e das fábricas. De fato, as patrulhas de controle não depõem suas armas, ao contrário, os militantes saem às ruas e desarmam as forças de polícia regulares, que resistem; ocorrem disparos de parte a parte. A medida de supressão das patrulhas de controle tinha sido tomada em concordância com os conselheiros anarquistas da *Generalitat*, que foram criticados por sua base e retiraram seu apoio ao decreto. A crise será resolvida pela formação de um novo governo, idêntico ao precedente. Os confrontos armados continuam.

Os fatos

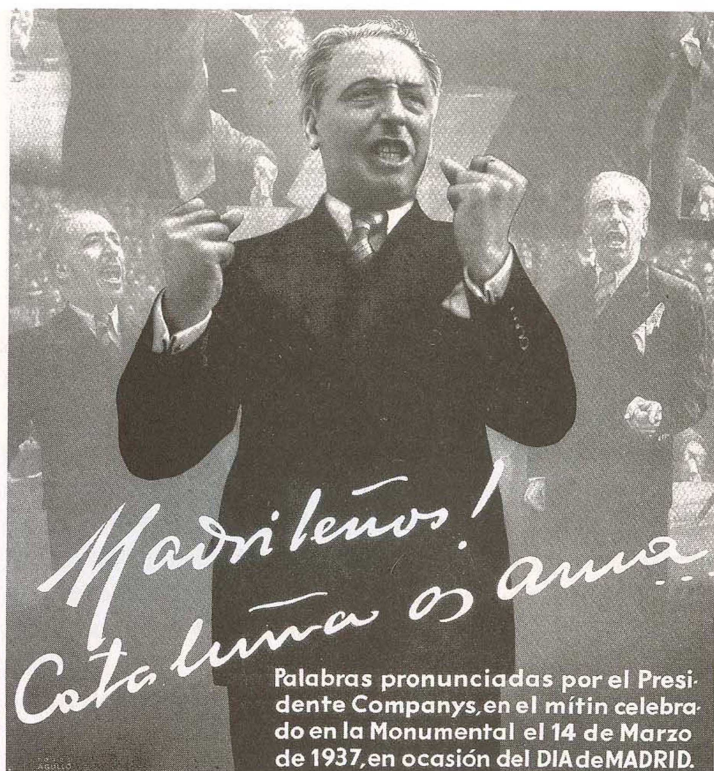
A provocação do 3 de maio de 1937 foi o desfecho de uma longa série de escaramuças cujo objetivo era, para os stalinistas, a liquidação da revolução social, a liquidação dos libertários como força hegemônica na classe operária catalã, a restauração do poder da burguesia devidamente conduzida pelos conselheiros técnicos do G.P.U.³. O que se passou nesse dia? Em 3 de maio de 1937 a polícia comunista tentou tomar o controle da central telefônica de Barcelona, que estava sob controle da C.N.T.-U.G.T., mas cuja maioria dos empregados era ligada à C.N.T.

Os milicianos presentes pegam suas armas e resistem violentamente, com sucesso. Uma hora mais tarde os milicianos da

F.A.I. e membros das patrulhas de controle chegam em reforço. As fábricas param. As armas saem dos esconderijos. Erguem-se as barricadas. A insurreição estende-se a toda a cidade. O governo — com seus representantes anarquistas — está de fato sitiado pela força popular. Trata-se de uma autêntica resposta espontânea a uma provocação stalinista. O comitê regional da C.N.T. e da F.A.I. contenta-se em exigir a destituição de Rodriguez Sala, comunista, comissário da ordem pública de Barcelona. Como se Sala pudesse ser alguma coisa fora das forças que lhe davam sustentação. Como em 19 de julho de 1936, quando os fascistas tentaram tomar o poder, foram, na base, os comitês de defesa confederais C.N.T.-F.A.I. que organizaram a contra-ofensiva popular, mas desta vez contra a opinião da direção da C.N.T.

No dia seguinte, terça-feira, 4 de maio, a batalha é encarniçada por todo o dia. A rapidez da reação dos milicianos da C.N.T.-F.A.I. e do P.O.U.M. contra a polícia foi estupefaciente, na medida em que foi terrível o encarniçamento da polícia infiltrada pelos comunistas. Essa crise revela um conflito agudo no próprio interior do campo republicano. O destino da revolução social estava em jogo. Enquanto os proletários lutam na rua contra a reação interna no campo republicano, os estados-maiores negociam: é preciso formar um novo governo. Os dirigentes da U.G.T. e da C.N.T. pedem o cessar-fogo. Os ministros anarquistas do governo central apóiam essa iniciativa, mas Companys, presidente da *Generalitat*, recusa-se a demitir Rodriguez Sala.

Garcia Oliver, ministro anarquista do governo central, dirigente da C.N.T., mas igualmente da F.A.I., faz um discurso ridículo em nome da unidade antifascista; pede que se deponham as armas: “Todos aqueles que hoje morreram são meus irmãos, inclino-me diante deles e os beijo”, inclusive, sem dúvida os stalinistas e os policiais. Oliver, desse modo, dá créditos à idéia se-



gundo a qual a batalha ocorrida foi apenas um acidente de percurso no campo republicano, quando, na verdade, tratava-se de um autêntico combate de classe, sendo o projeto dos comunistas o restabelecimento de todos os atributos da ordem burguesa: propriedade privada, poder centralizado, polícia, hierarquia. Ele esvazia o objetivo dessa batalha, que se resumia na alternativa: prosseguimento da revolução social ou restauração do Estado burguês.

Na noite de 4 para 5 de maio, os conluios no palácio da *Generalitat* continuam. Os comunistas querem arrancar um pouco mais de poder dos comitês operários e devem enfrentar os tra-

balhadores armados. Seu objetivo: esmagar definitivamente a revolução. Somos forçados a constatar que os dirigentes anarquistas foram superados pelos acontecimentos. Na rádio, eles se sucedem um a um para pedir aos combatentes que deponham as armas : Garcia Oliver, Federica Montseny, ambos da C.N.T. e F.A.I., e os outros. Companys exige como condição prévia a todo acordo, que os trabalhadores retirem-se da rua.

No dia seguinte, quarta-feira, 5 de maio, a batalha é ainda mais violenta que na véspera. A estação ferroviária, ocupada pelos anarquistas, é tomada pela guarda civil; os empregados da central telefônica rendem-se às guardas de assalto. O governo catalão desfaz-se. As divisões anarquistas do *front* propõem vir a Barcelona, mas o comitê regional da C.N.T. anuncia-lhes que não se necessita delas... à noite, novos apelos solicitando aos operários para que abandonem as barricadas e voltem para suas casas. Cresce o descontentamento nas fileiras da C.N.T.-F.A.I. Inúmeros militantes rasgam suas cartas de afiliação.

Uma parte importante das juventudes libertárias, numerosos comitês e grupos de base nas empresas e nos bairros opõem-se à atitude conciliadora e à curta visão da direção do movimento libertário catalão.

Os amigos de Durruti propõem a formação de uma junta revolucionária que deveria substituir a *Generalitat*. O P.O.U.M. devia ser admitido nessa junta pois ele posicionou-se ao lado dos trabalhadores. Eles exigem a socialização da economia, a dissolução dos partidos e dos corpos armados que participaram da agressão, o castigo dos culpados. Essas posições são denunciadas pelo comitê regional da C.N.T. O grupo será posteriormente excluído da C.N.T.

Os amigos de Durruti não eram, malgrado seu nome, sobreviventes dos grupos *Los Solidarios* ou *Nosotros* dos quais Durruti fizera parte.

Tratava-se de um pequeno grupo formado por irredutíveis

hostis à militarização das milícias, à participação da C.N.T. no governo e dirigido pelos faístas Carreno, Pablo Ruiz, Eleuterio Roig e Jaime Balius. Acusado de estar a reboque do P.O.U.M., e de ser constituído por anarquistas bolchevizados, esse grupo teve um fraco impacto e sua existência foi curta, pois ele não mais se manifesta após o verão de 37. Isso nada muda no fato de que algumas (não todas, certamente) das posições que ele adotou num certo momento, eram dignas de ter sido levadas em consideração.

As críticas que ele fazia em relação ao aparelho dirigente da C.N.T. não eram, com efeito, infundadas. Por exemplo, o Comitê nacional da C.N.T., quando de uma conferência dos delegados, em 28 de março de 1937, solicitou a submissão de todos os órgãos de imprensa da Confederação às diretrizes do Comitê nacional. A proposição só foi adotada por um voto de vantagem. A minoria decidiu não levar em conta o voto. É incontestável que se desenvolveu uma camada de dirigentes especializados na C.N.T., sem nenhum controle da base, e uma hierarquização autoritária da organização, inclusive na F.A.I.

A direção do P.O.U.M., neste caso, não está isenta de crítica. Andrès Nin tenta frear o ardor dos militantes; um curioso apelo do comitê executivo do P.O.U.M. propõe simultaneamente livrar-se do inimigo e iniciar uma retirada. O 5 de maio terá sido o ponto culminante da batalha. De manhã, o governo é demissionário, à noite ele é recriado. Berneri, uma das figuras da oposição revolucionária, é assassinado pelos comunistas, bem como um outro militante anarquista italiano, Barbieri.

Na manhã de 6 de maio, constata-se uma certa flutuação entre os combatentes, decepcionados e desorientados pela atitude da direção regional da C.N.T. Logo as barricadas abandonadas são reocupadas. A direção da C.N.T. renova seus apelos à calma. A luta termina, mas ninguém retorna ao trabalho, os combatentes permanecem em suas posições.

Na noite de 6 para 7 de maio, os dirigentes da C.N.T.-F.A.I. reiteraram suas proposições: retirada das barricadas, libertação dos prisioneiros e dos reféns. Na manhã de 7 de maio, o governo aceita as proposições do cessar-fogo.

O fracasso do movimento insurrecional marcará o começo de um terrível retrocesso das conquistas dos primeiros meses da revolução. A influência do stalinismo, apoiando-se sobre as camadas sociais mais hostis à revolução no campo republicano, afirmar-se-á. Os assassinatos de militantes revolucionários pelos stalinistas redobram. Desde o verão de 1937 as tropas do comunista Lister entrarão na região de Aragão para tentar liquidar pelo terror as coletividades agrícolas libertárias, e reentregá-las aos antigos proprietários. A adesão das massas camponesas às coletivizações era tal que a tentativa de Lister culminou num fracasso retumbante.

Nem vós, nem nós, lançamos as massas de Barcelona nesse movimento. Ele foi uma resposta espontânea a uma provocação do stalinismo. Este é o momento decisivo para fazer a revolução. Ou nos colocamos à frente do movimento para destruir o inimigo interior, ou então o movimento fracassa e seremos destruídos. Devemos escolher entre a revolução ou a contra-revolução.

Era a alternativa proposta pelo P.O.U.M., na noite de 3 de maio, recusada pela direção da C.N.T., e descrita por Julian Gorkin⁴.

Se tivesse de ser feito...

Seria, contudo, um grave erro abordar a questão em termos de “traição” da direção da C.N.T. em relação a seus objetivos. O alance sereno e não-dogmático da ação da confederação e das

posições de seus dirigentes durante a guerra civil ainda permanece a ser feito entre os libertários. É preciso ter em mente que a revolução espanhola não era a revolução russa. Podemos considerar esta última como a derradeira revolução do século XIX em termos de meios técnicos aplicados. A revolução espanhola foi a primeira do século XX com a utilização dos blindados, da aviação, do rádio etc. Ela foi o campo de treinamento da Alemanha hitlerista para a 2ª Guerra Mundial.

Na Rússia, o Estado estava em deliquescência; todas as forças sociais opostas à revolução estavam em estado de dissolução. A sociedade russa por inteiro estava em estado de dissolução, após vários anos de uma guerra terrível. Foi esta situação que permitiu a um pequeno grupo de homens — alguns milhares em 1917 — tomar o poder. O extremo grau de organização e disciplina desse pequeno grupo de homens não pode por si só explicar a eficácia de sua ação, o que em nada diminui o gênio estratégico de Lenin, em todo o caso no início.

A sociedade espanhola não apresentava essa característica de deliquescência. As forças sociais presentes estavam precisamente caracterizadas e ancoradas em seu modo de vida. A burguesia espanhola, e em particular a burguesia catalã, era poderosa, influente. Classes intermediárias numerosas faziam tampão e desposavam as idéias da classe dominante por temerem a proletarização. Tal situação não existia na Rússia.

A revolução proletária na Espanha teve de enfrentar adversários bem mais temíveis do que aqueles aos quais os revolucionários russos confrontaram-se, pois as potências capitalistas ocidentais, após a 1ª Guerra Mundial, também estavam esgotadas pela guerra, e os corpos expedicionários que ela enviava, eram minados pelas deserções. Os libertários espanhóis tiveram de enfrentar simultaneamente os fascistas, os stalinistas e os republicanos. É muito.

A revolução russa ocorreu num período de desmorona-

mento geral, em que as potências, no plano internacional, suscetíveis de combatê-la estavam esgotadas por quatro anos de uma guerra terrível. A revolução espanhola, ao contrário, ocorreu num período de ascensão de forças reacionárias de uma potência jamais vista — nazismo alemão, fascismo mussoliniano — que apoiou sem economia de suas armas o fascismo espanhol. Entre essas forças reacionárias figurava o stalinismo, cujos marxistas revolucionários que acusavam a C.N.T. de todos os males são, senão diretamente, ao menos intelectualmente responsáveis.

Se os libertários tivessem decidido, eles teriam podido facilmente liquidar os comunistas em maio de 37, e o comitê regional, numa certa medida, tinha razão de dizer que ele não precisava desguarnecer as divisões anarquistas do *front*⁵. Os milicianos de Barcelona e da região, os operários insurretos, os comitês de defesa dos bairros teriam bastado amplamente para essa tarefa. Mas a situação estaria circunscrita à Catalunha, pois em Madri a C.N.T. não dominava. A direção da C.N.T. não queria arriscar-se a ficar sozinha diante de uma coalizão fascista-stalinista-republicana. Por sinal, especular sobre um fenômeno de arroubo na classe operária espanhola, que num entusiasmo febril, teria apoiado os libertários catalães, era um risco que a Confederação não quis assumir. A Espanha teria partido-se em vários blocos antagonistas, tornando-se presa fácil para os franquistas. C.-M. Lorenzo, sem dúvida, tem razão de dizer que um

triumfo do anarquismo espanhol, provocando o desmoronamento da legalidade republicana, teria certamente provocado contra ele a formação de uma coalizão internacional indo da União Soviética (supressão de toda ajuda em armas e em munições) aos Estados ocidentais democráticos (reconhecimento imediato do governo fascista, bloco econômico)⁶.

O movimento operário internacional, e em particular o movimento operário francês, amplamente influenciado pelos stalinistas, teria apoiado uma revolução anarquista na Espanha que teria se oposto pelas armas aos comunistas espanhóis?

É verdade, os libertários, de todo modo, viram-se diante de uma coalizão fascista-stalinista-republicana... A questão, nessas condições — fácil de ser colocada sessenta anos depois —, é: não teria sido melhor tentar a ação? É fácil, quando se vive constantemente “em pleno delírio de identificação com a revolução russa”, como diz Carlos Semprun-Maura, quando se eterniza um esquema de revolução que se limita à tomada do Palácio de Inverno, censurar os libertários espanhóis por não o terem feito.

Podemos, hoje, censurar os libertários por terem feito uma análise ruim, simultaneamente da natureza do stalinismo e do republicanismo burguês. Hoje estamos desconcertados com sua ingenuidade⁷: os libertários foram os únicos a ter desempenhado honestamente o papel do antifascismo. Foram os únicos autênticos antifascistas. Só eles tiveram por objetivo prioritário real a liquidação do fascismo na Espanha, sem condicionar esse objetivo a seu monopólio do poder. Em nome da unidade antifascista, a C.N.T., majoritária na Catalunha, aceitou em todos os órgãos de decisão uma representação infinitamente menor do que aquela que correspondia a seus efetivos reais, como garantia de sua boa-fé...

Os libertários deram provas, tragicamente e às suas custas, de que o antifascismo sem a revolução social não tem sentido algum. Mostraram que a liquidação do fascismo não pode se dar em aliança com um outro fascismo — o stalinismo —, nem com a burguesia republicana.

É uma lição que vale ainda hoje.

Notas:

1. O P.O.U.M. (Partido Operário de Unificação Marxista), fundado em 1935, tinha entre 3.000 e 5.000 afiliados antes da guerra civil (contra um milhão da C.N.T.). Qualificado erroneamente de trotskista, inclusive pelos trotskistas de hoje (que o recuperaram um pouco, sobretudo depois do filme de Ken Loach), ele tinha rompido com Trotski e a 4ª Internacional. A atitude da C.N.T. em relação ao P.O.U.M. explica-se em parte porque as relações entre as duas organizações jamais tinham sido boas, Joaquin Maurin tendo acusado a Confederação de todos os males.

2. Houve inclusive greves opondo operários da C.N.T. e seu patrão da U.G.T., ou confrontos armados entre camponeses coletivistas da C.N.T. e pequenos proprietários da U.G.T.

3. A "ajuda" soviética, paga a preço de ouro pelos republicanos espanhóis, estava condicionada à presença de "conselheiros" militares soviéticos, que instalaram uma Tcheca que procedeu à execução de incontáveis militantes revolucionários.

4. A prova *a posteriori* de que os anarquistas teriam podido, sem dificuldade, liquidar fisicamente os comunistas desde maio de 37, encontra-se nos acontecimentos de março de 1939, em Madri, durante os quais a C.N.T. realizou o que ela deveria ter feito, talvez, desde o início. Em 2 de março, Negrin faz um autêntico golpe de Estado e põe comunistas em todos os comandos militares importantes. A C.N.T. decidiu então acertar suas contas com o stalinismo esmagando as tropas comunistas. De 5 a 12 de março de 1939, o 4º corpo de exército anarquista (150.000 homens) comandado por Cipriano Mera, esmagou os 1º, 2º e 3º corpos de exército comunistas (350.000 homens). Segundo testemunhos orais, todos os oficiais comunistas acima da patente de sargento foram executados. A natureza de classe do Partido Comunista Espanhol é bem descrita nas palavras de C.-M. Lorenzo:

"Parece que se produziu, então, um verdadeiro desmoronamento do Partido Comunista. A massa incontável de pessoas que tinham aderido a esse partido por ódio à Revolução, por medo, por amor à "ordem", por oportunismo político, por arrivismo, não tinha nenhuma autêntica formação ideológica, nenhum conhecimento do marxismo. Todas essas pessoas abandonaram o Partido tão logo o viram em posição difícil, e os comunistas voltaram a ser tais como eram no início da Guerra civil: um punhado de quadros sem influência real sobre a população. O Partido Comunista teve a favor das circunstâncias um inchaço absolutamente artificial; foi um organismo monstruoso de pés de argila." C.-M. Lorenzo, *Les Anarchistes espagnols et le pouvoir*, Le Seuil.

5. C.-M. Lorenzo, *Les Anarchistes espagnols et le pouvoir*, p. 267, Le Seuil.

6. *Solidaridad Obrera*, de 21 de janeiro de 1937, evoca em termos líricos a chegada, na véspera, do primeiro navio soviético desembarcando farinha, açúcar e manteiga, algum tempo depois que os comunistas catalães provocaram a penúria e o encarecimento dos gêneros alimentícios, ao liquidar os comitês operários de abastecimento (7 de janeiro), fornecendo o pretexto de acusar os anarquistas de serem os responsáveis pela penúria:

Todo um povo vibrava por causa da significação profundamente humana da primeira visita de um outro povo. A sensibilidade prestava tributo à solidariedade. Esse mensageiro do proletariado russo trouxe à Espanha algumas toneladas de gêneros alimentícios, oferenda de suas mulheres às nossas, amáveis carícias dos pequeninos do Oriente às crianças da Ibéria... etc.

O diário da C.N.T. poderia ter precisado que esses produtos eram comprados a preço exorbitante, a preço de ouro aos soviéticos, do mesmo modo que serão compradas as armas, em sua maioria antigas, entregues à Espanha e distribuídas de maneira muito seletiva.

7. Citado por C.-M. Lorenzo, *Les Anarchistes espagnols et le pouvoir*, p. 266, Le Seuil. Conferir igualmente J. Gorkin, *Les communistes contre la révolution espagnole*, Belfond, pp. 59-60.